

Lucas Marques Ferreira Silva

PARASOMNIA: Distopia e o meu trabalho artístico de colagem digital em paralelo
com a minha narrativa escrita sobre um universo infinito visto do lado de cá.

Artes Visuais, 2019

Universidade Federal de Minas Gerais
Artes Visuais

PARASOMNIA:

Distopia e o meu trabalho artístico de colagem digital em paralelo com a minha narrativa escrita sobre um universo infinito visto do lado de cá

Belo Horizonte

2019

Lucas Marques

PARASOMNIA:

Distopia e o meu trabalho artístico de colagem digital em paralelo com a minha narrativa escrita sobre um universo infinito visto do lado de cá

Trabalho de conclusão de curso apresentado
ao Curso de Artes Visuais da Universidade
Federal de Minas Gerais como requisito parcial
à obtenção do grau de Bacharel.

Orientadora:

Profª. Maria da Conceição Pereira Bicalho

Belo Horizonte

2019

Lucas Marques

PARASOMNIA:

Distopia e o meu trabalho artístico de colagem digital em paralelo com a minha narrativa escrita sobre um universo infinito visto do lado de cá

Relatório final, apresentado à Universidade Federal de Minas Gerais, como parte das exigências para a obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais.

Belo Horizonte, 04 de Dezembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Maria da Conceição Pereira Bicalho

Profª. Maria Elisa Martins Campos do Amaral

Prof. Marcelo Kraisler

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a minha professora Conceição por todo apoio e paciência para que eu pudesse realizar este trabalho de conclusão de curso e por todo o conhecimento e experiências que me proporcionou durante toda a graduação. A sua forma de ver o território das artes me instiga a criar, compartilhar conhecimento e ser uma pessoa melhor no mundo.

Agradeço também à todxs xs outrxs professores da Escola de Belas Artes que compartilharam o seu tempo para lecionar com tanta honestidade e em especial Elisa Campos e Marcelo Kraiser por terem aceitado o meu convite para a minha banca e por todas as ponderações pertinentes feitas sobre o meu trabalho. Agradeço também a minha amiga Cecília Cury por ter me ajuda com a revisão do texto.

Obrigado mãe, pai e irmãos, vocês não sabem muito bem do que se trata o território da arte, porém mesmo assim me deram o essencial.

Por fim, porém em mesmo grau de importância dos anteriores, fica aqui a minha gratidão para toda a classe trabalhadora da UFMG, que, mesmo em meio a toda as dificuldades, fazem tudo acontecer. Vocês são um gota de água nesse mar do conhecimento, mas se não fosse por vocês, este oceano seria menor.

Gratidão por tudo pessoal!

Resumo

Neste offício, massageei as minhas compreensões e busquei ter de forma mais organizada os pontos dos quais quero refletir e descobrir na minha atividade como artista. A minha intenção foi estruturar e fazer um paralelo entre interrogações que eu acredito serem cruciais para que a minha tarefa artística tenha mais consistência e compromisso com o meu trabalho com arte digital, sobretudo de **colagem**. Falei sobre o percurso visual e técnico que desenvolvi no decorrer do meu curso e os conceitos que o influenciaram, os quais foram principalmente: **Distopia**, **Cyberpunk** e **Punk Rock**. Em meio à todo esse caos, achei interessante também trazer algumas **crônicas** para reforçar todo esse processo de aprendizado, mesmo que o meu trabalho visual e estas narrativas independam um do outro. Aqui, a preocupação não foi ser raso nem profundo, mas sim escrever como um cidadão comum que se sente responsável pelo todo, e, por consequência, possui propriedade e direito de entrar e poder falar.

Palavras-chave: Colagem. Arte Digital. Distopia. *Punk Rock*.

SUMÁRIO

Introdução	09
Parte 01 - Narrativas sobre a minha poética no território da arte	10
Parte 02 - Influências e Tentativas	
2.1 - <i>The Shape of Punk to Come</i> - O movimento do <i>Punk Rock</i> como conceito e imagem	18
2.2 - <i>Jedes Herz ist eine Revolutionäre Zelle</i> - Quando a política se intrometeu no meu trabalho artístico	27
Parte 03 - <i>The future is now</i> - A Distopia como ferramenta de análise da sociedade	31
Conclusão	36
Referências Bibliográficas	38

Parassonias constituem o segundo maior grupo de transtornos do sono e são definidas como eventos físicos indesejáveis que acometem o sono em seu início, meio ou ao despertar, compreendendo fenômenos motores, autonômicos, comportamentais, emocionais e/ou perceptivos.

Terror noturno: revisão bibliográfica de uma parassonia 2017)

Quando um amigo morre parece que um bar
fecha dentro da gente.

Diego Moraes

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - God Save the Queen, Jamie Reid	19
Figura 02 - Malcolm McLaren & Vivienne Westwood	19
Figura 03 - Malcolm Garrett, <i>Buzzcocks, Orgasm Addict</i>	20
Figura 04 - <i>Bent Edge, Bad Religion L7</i>	20
Figura 05 - <i>The Ramones Concert Flyer</i>	21
Figura 06 - Lucas Marques	22
Figura 07 - Lucas Marques	23
Figura 08 - Lucas Marques	24
Figura 09 - Lucas Marques	25
Figura 10 - Lucas Marques	26
Figura 11 - CRISE, Lucas Marques	28
Figura 12 - CRISE, Lucas Marques	29
Figura 13 - CRISE, Lucas Marques	30
Figura 14 - PARASOMNIA, Lucas Marques	34
Figura 15 - PARASOMNIA, Lucas Marques	34
Figura 16 - PARASOMNIA, Lucas Marques	34
Figura 17 - PARASOMNIA, Lucas Marques	35
Figura 18 - PARASOMNIA, Lucas Marques	35
Figura 19 - PARASOMNIA, Lucas Marques	35

Introdução

Sempre tive a ficção ancorada às minhas preferências, principalmente no cinema, música, literatura e quadrinhos. Isso se consolidou ainda mais quando comecei a utilizar a ilustração e a colagem digital em uma tentativa de desenvolver um trabalho artístico. A minha necessidade de contar histórias por meio de imagens ou crônicas com colagem de letras, palavras e parágrafos, e construir uma situação de maneira sucinta foi se tornando algo recorrente sempre que eu buscava um conceito para o que eu estava produzindo como treino em meu tempo livre. Hoje, já não tenho a preocupação em fazer algo que seja sucinto, porém o ficcional que imita o real insiste em participar do meu trabalho.

Em resumo, pode-se dizer que a ficção apareceu no meu trabalho com o propósito de pedir licença para o mundo e, então, poder falar sobre a realidade livremente, além de poder mudá-la. Isso não significa que eu desejo ser indiferente perante os problemas do mundo, muito pelo contrário: existe, em mim, uma preocupação em fornecer uma fuga de tudo que acontece.

Como um estudante das artes visuais buscando desenvolvimento acerca do meu lugar no campo da arte contemporânea, hoje me encontro na inevitabilidade de organizar meus pensamentos sobre questões que cercam a minha situação atual frente às condições do mundo, assim como foi proposto durante a minha graduação. Pretendo sair um pouco do campo da realidade e ponderar sobre a minha responsabilidade diante do ficcional que, volta e meia, eu tenho interesse em inserir no meu trabalho artístico.

Parte 01 - Narrativas sobre a minha poética no território da arte

Novembro de 1955 - A melancolia da ressaca dorme no calor dos meus braços

Meu primeiro porre foi aos dezesseis anos, na cidade onde cresci e com a boa fé que a idade me cabia. Duas garrafas de plástico comportando um vinho barato e sendo consumidas diretamente no bico em uma celebração dos quinze anos de uma desconhecida foram o suficiente para me fazer não suportar festas até os dias de hoje. No dia seguinte, tinha que acordar cedo para encarar um curso de Técnico em Administração de Empresas que eu fazia na época, em uma cidade vizinha. Encarei sozinho a falta de memória da noite anterior, o estômago apodrecido, a vergonha dos amigos, o gosto de vômito que insistia em voltar à boca e uma aula que eu não tinha o menor interesse em assistir.

Às vezes me pego distraído recordando desse episódio. Pergunto-me se minha mãe desconfiou de alguma coisa, se o quarto ficou com o odor de álcool, qual foi a marca do vinho, se foi ali a introdução de uma vida boêmia que tinha por objetivo me afastar da realidade e, por consequência, de todas as dificuldades adolescentes que me cercavam. Aos poucos percebi que aquilo começou a se tornar constante na minha rotina (não a ressaca - aprendi a beber com maestria com o decorrer do tempo -, mas as noites de consumo exagerado de álcool como tentativas de fintar uma existência que não me permitia ter nenhuma boa história para contar). Ali eram os momentos em que eu fazia história, em atos onde eu me esquivava do real e criava o meu domínio particular: eu me dava bem com as garotas do interior, minhas piadas causavam risos na turma, minhas roupas estavam bacanas, a timidez se apartava de mim e as pessoas tinham um certo interesse em ouvir o que eu tentava gritar todos os dias. Esses gritos eram sobre ter mais oportunidades, ser o melhor amigo das pessoas, ser escolhido para jogar nos jogos de futebol de várzea, receber elogios sobre os desenhos do *Asterix e Obelix* que eu copiava de forma desastrosa na biblioteca da escola, viver grandes amores, ter opinião em casa, ganhar o meu próprio dinheiro, ser minimamente popular no colégio, ser reconhecido

em meus defeitos e virtudes. Enfim, eu queria ser parte de tudo isso que acontece no mundo. Hoje, sóbrio, me pergunto: o que fazer para ser parte?

Outubro de 2010 - Prelúdio para um sonho: o ônibus espacial que decola para o futuro

Essa consciência de que “o futuro é agora” e que estamos passando por uma situação de crise no mundo, levou certo tempo para que fizesse parte de mim a ponto de me coçar. São diversas as indignações que me geram pruridos, mas sobretudo, comecei a sentir um grande incômodo com a polarização da sociedade e a influência que a mídia e a tecnologia vêm tendo sobre isso. Às vezes tenho a sensação de que estamos vivendo uma ficção na qual, a qualquer momento, podemos experimentar uma mudança radical na ordem social, pois vejo um Estado totalitário e corrupto acompanhado de uma sociedade alienada, pessimista e revoltada. Para mim, é inconcebível deixar de fazer um paralelo entre tudo isso que nos cerca com todas aquelas referências que me bombardearam no período de maior inocência minha. Sinto uma vontade de cuspir esse conjunto de elementos que sempre me inspirou e instigou na minha produção como artista. Hoje, consigo ver de forma quase lúcida as crises pelas quais passei, e, por consequência, o que acompanha a minha necessidade de inserir essa narrativa no meu processo de produção artística. Dividir estes momentos e tentar entendê-los de forma isolada é importante para que, levando em consideração a minha concepção de mundo, eu tenha consciência do que eu quero comunicar - uma vez que, quero dialogar sobre a complexidade que existe entre realidade, ficção, presente e futuro.

Ontem, perto de entrar em estado de dormência, naquele momento em que os olhos estão próximos a se fecharem e abrirem apenas no dia seguinte, assustei-me com absolutamente nada e entrei em estado de total alerta - infelizmente, pois já era por volta de uma e trinta da madrugada e eu precisava acordar mais ou menos às oito. Ao meu lado, algo passava em meu computador desde a hora que decidi me deitar (hábito que adquiri há alguns anos em uma tentativa de driblar um zumbido enfadonho no meu ouvido esquerdo, proveniente de um show de *death metal* de uma banda chamada Extreme Holocaust que assisti em uma cidade do interior). Desta vez, eu havia colocado em um filme qualquer que

já havia visto antes, o que exige menos concentração e maior probabilidade de tédio. Fiquei prestando atenção para tentar pegar no sono novamente e algo inesperado me veio à cabeça: lembrei-me dos tempos em que a aceitação passou a andar comigo por aí. Aquela época em que eu andava quase descalço, mas larguei as minhas sandálias e passei a me preocupar em usar tênis, coisa de uns quinze anos atrás. Eu tinha noção de vários problemas do mundo, principalmente os de grana que eu ouvia regularmente dos meus pais, alguns da prefeitura que lia nos jornais na biblioteca, outros de sustentabilidade e tecnologia que lia na revista Galileu, além das dificuldades mundiais que assistia na TV lá de casa (uma *Mitsubishi* de vinte polegadas que tinha que levantar do sofá para alternar entre os nove canais). Naquela época, eu era viciado em *punk* e *hardcore*. Desde os versos mal resolvidos e carregados de desespero do Garage Fuzz, até os problemas pintados de vermelho, branco e azul presentes nas letras, pôsteres e capas dos discos falsificados que eu tinha do Bad Religion e NOFX. Eu estava puto com tudo e me tornei um anticapitalista analfabeto de carteirinha assinada. Odiava o dinheiro e toda a consequência desgraçada que ele causava no mundo e na minha casa. Não me explicaram como argumentar sobre esta fúria, só me ensinaram a odiar. Da mesma forma que os comerciais me ensinaram quais eram as coisas que eu deveria ter, mas não como tê-las. Essa revolta não durou muito (uns dois anos, para ser mais exato), pois a preocupação com a sobrevivência gritou o meu nome no portão de casa - e, para o meu azar, minha mãe já havia atendido. Surgia ali uma necessidade de começar a pensar sobre o que eu ia fazer para sobreviver dali pra frente. A pressão foi tomando conta de mim e, com o vestibular e as escolhas se aproximando, larguei meus CD's no chão de madeira do quarto e esqueci a TV ligada passando *The Goonies*. Quando dei por mim, a aceitação caminhou em minha direção e, com classe, me ofereceu uma migalha, pegou em meu braço e me colocou na tripulação de um estranho ônibus espacial que decolava para o futuro.

Outubro de 1985 - Os sonhos e a moça do telemarketing

Partindo do princípio de revitalização, para mim é muito obscuro o que uma boa tarde de sono é capaz de proporcionar ao nosso cérebro - isto é, biologicamente

falando. Imagino que a nossa cabaça das ideias - como se costuma dizer nas regiões do noroeste brasileiro - fica totalmente desconectada do cérebro em um momento de sonolência profunda, mas permanece pensando ainda mais longe. E acredito que não somente ela, mas também todo o nosso corpo fica desprovido de qualquer órgão, criando um estado onde tudo flutua. Apesar de eu estar parecendo mais confuso do que o normal, vou respirar fundo, me acalmar e tentar compartilhar um ocorrido comigo anos atrás, em uma das minhas raras tardes de repouso de quando eu ainda cursava Engenharia.

Descansando meu cérebro e minhas vistas vespertinamente, em um momento no qual não havia mais nenhuma necessidade para eu continuar dormindo, meu telefone tocou. Para minha surpresa, era um número que já havia me ligado diversas vezes, mas que eu não tinha atendido - e agora eu estava prestes a acabar com a minha falta de curiosidade: era telemarketing. Uma moça de um banco qualquer veio com um papinho piegas e, no final das contas, eu me toquei que ela estava me oferecendo sonhos. Eu não comprei. Sem querer parecer totalmente frustrado, mas pensei que o mais perto que eu poderia estar dos meus sonhos era antes dela me ligar, quando eu estava dormindo. E em uma tentativa de ser jocoso e nada ofensivo, foi exatamente o que eu disse para a moça de telemarketing. Apesar dos meus sonhos continuarem completamente apodrecidos dentro de mim, tal fato, trivial tanto quanto vários outros, me fez repensar sobre os sonhos. De forma totalmente deselegante, hoje tenho a cruel sensação de que o meu único sonho seja o que Einstein, a partir de um lampejo lá atrás, provou em teoria ser possível: voltar no tempo. Não que eu acredite ingenuamente que isso venha a ocorrer e eu consiga resolver meus problemas, voltando para fazer as escolhas certas como em um simples corte de cena de qualquer filme *hollywoodiano*. À noite, antes de adormecer e ficar com o corpo suspenso, naquele momento REM (*Rapid Eye Movement*), repenso todas as coisas que eu fiz, mas reflito ainda mais sobre as que não fiz. O meu coração aperta, fica menor e, estranhamente, parece não caber mais naquela caixa de ossos - e é com esse clichê de “aperto no peito” que vejo que eu fiz o meu sonho se tornar uma coisa que não me interessa sob nenhum ângulo. Meu sonho é simplesmente estar em outro lugar, fazer outras coisas, conhecer outras pessoas e sair desse ninho de gente bonita,

avarenta e pseudo-cristã que pensa que vida é ficar trancafiado depredando os corpos vazios dos outros e, por fim, sair formado em um curso fachada que só oferece preguiça e um delicioso cômodo para os nossos posteriores. Isso não é exigência. Isso não é uma reclamação. Isso não é fracasso.

A moça do telemarketing possui sonhos, mas provavelmente ela projetou os meus de forma a parecer estar debochando dos sonhos dos outros. Debochar é uma coisa, apedrejar é outra. Pensando bem, eu deveria ter comprado - e agora volta aquela cruel sensação de necessidade de voltar no tempo e escolher a outra opção. Mas, felizmente, o meu sonho é vazio tanto quanto o meu corpo sem órgãos, pois não precisa se alimentar de uma porção de dinheiro. Gosto da arte, da solidariedade, da confraternização e do correr atrás, da necessidade e do passar fome que isso tudo junto me proporciona. Só isso.

Adormeci no sofá novamente e acordei no futuro.

Data indefinida - Estamos nadando no Copo do Futuro, precisamos de alguém para nos dizer o gosto que a cerveja tem

Às vezes me sento sozinho em um bar desses mais simples - de preferência um que dê para fumar - abro uma cerveja modesta, me escoro na cadeira e fico observando o vai e vem das pessoas. A diversidade é incrível: cada um com a sua maneira de sorrir e conversar. Uns sorriem de forma intensa, outros são mais acanhados, uns conversam gesticulando e outros simplesmente escutam. Mas ali, aparentemente, tudo meio que funciona. Acontece uma votação e a galera da mesa rapidamente decide que cerveja tomar, se faltou lugar o garçom ajuda a ajeitar uma cadeira, se chegar mais pessoas a gente junta outra mesa, a garota do lado pede o isqueiro emprestado pra acender o cigarro de palha, o vendedor ambulante faz o dele vendendo amendoim torrado, a turma chama o garçom pelo nome ou apelido, e na hora de pagar acontece aquela piadinha com o time dele que perdeu no dia anterior. Tudo tranquilo. Pode-se dizer que tem de tudo um pouco nesse cenário: diversidade, identidade, democracia, economia, logística, humor e inclusão social. Tudo funciona. Mas se é tudo tão simples em um bar, por que no mundo não funciona?

Precisamos convidar o Futuro para se deitar sobre o divã e conversar sobre alguns comportamentos dele, uma espécie de “Psicanálise com o Futuro”. É muito simples: a gente se senta por algumas horas, conversa, entende as dores e dá um jeito em tudo, tipo um encontro da turma em um bar copo-sujo no centro de uma cidade qualquer. Seria interessante se fosse assim, tudo descomplicado e consequentemente fácil de resolver, mas obviamente sabemos que não é. Talvez devêssemos, então, solicitar a presença do Presente para dialogarmos e tentarmos prever precisamente como vai ser o amanhã e, desta forma, poderíamos dar o passo certo e evitar que, lá na frente, tenhamos que andar para trás porque fizemos alguma coisa de errado. Eu não sei você, caro amigo, mas eu estou cansado disso e sentindo a necessidade de encarar o fato de que **o Futuro é agora**.

Março de 1989 - Mesmo sendo ruim de mira, uma flecha para o futuro me acertou

Houve um dia em que eu caminhava com mais quatro amigos nos arredores de um conjunto arquitetônico magnífico. Era bem tarde, mas o sol ainda insistia em fazer parte daquele momento. O dia perdurava mais do que eu estava acostumado e havia sido incrível até então. Visitamos vários lugares e participamos de uma experiência tecnológica visual e sonora que fora memorável para nós cinco. Tudo descontroladamente interessante e entregue ao teatro do acaso. Esqueci os cigarros em meus bolsos - que faziam companhia para o meu também abandonado telefone -, o modo como eu me vestia já não me importava mais, a exaustão vinha acompanhada de energia e tudo o que realmente importava naquele momento era a luz que entrava por meus nervos óticos e eram convertidas em imagens no meu cérebro.

Como consequência de tudo que aquele instante estava me proporcionando, passei a observar e absorver o comportamento das pessoas enquanto saboreava uma tradicional batata frita quentinha com molho *andalouse*. Havia centenas de grupos de pessoas que dialogavam entre si, mas o silêncio era o protagonista: muitos olhares atentos observando todas aquelas construções, os espaços uns dos

outros eram respeitados de uma forma gentilmente natural, ruas limpas e todos seguravam seus aparelhos eletrônicos sem temer pelo azar da insegurança.

Mais tarde, naquele mesmo dia e ainda com o sol lampejando no céu, voltamos de bicicleta atravessando o centro da cidade. Foi como se estivéssemos na nossa infância, sentindo o vento batendo na cara com a única preocupação de quem iria conseguir vencer e ficar na frente. Horas depois, o sabor da noite tocou os meus lábios e veio com uma vontade simples de apreciar uma cerveja amarga e fria - quase em temperatura ambiente -, e de temperar o céu com fumaça de algumas tragadas de cigarros de palha. Fomos a um bar tradicional, conhecemos pessoas que conversavam em um tom um pouco mais alto, tomei seis canecas bem servidas de cerveja, compartilhei cigarros, descobri que homens choram sem motivo aparente e me declararam o sujeito mais criativo da turma. Com a visão sob o efeito do álcool, fomos embora caminhando enquanto segurávamos um delicioso sanduíche picante e uma Coca-Cola geladinha que iria nos deliciar mais tarde. No final, eu tinha no meu íntimo a plena consciência de que para ser artista no mundo e dialogar com o que tanto me coçava, eu precisava viajar e conhecê-lo de perto. Aquele dia em Bruxelas ficaria para sempre guardado nas gavetas da minha memória.

Hoje - Acordei com ódio, descobri que a minha mãe é racista

Hoje eu acordei sentindo ódio, descobri que a minha mãe é racista. Vasculhei as minhas gavetas digitais de canções para procurar alguma coisa para alimentar ainda mais essa fúria quando eu estivesse no tédio diário do ônibus. Eu precisava daquele ódio para suportar mais um dia corrido da labuta onde o salário que me pagavam era um salário menor que as minhas despesas, mas não encontrei nada que nutrisse tal ódio. Lembrei de um disco de *Death Metal* extremo que eu ouvia muito quando eu era adolescente, *To Mega Therion* do *Celtic Frost*. Talvez esse funcionasse. Recordo-me que eu gostava muito da capa do disco: um diabo preto gigante segurando Jesus Cristo de braços abertos pelas perninhas e fazendo ele de estilingue. Ainda quero uma camisa com essa estampa. Eu achava aquilo muito provocativo e costumava ouvir em casa quando eu voltava da catequese - que eu frequentava, como se diz por aí, por livre e espontânea pressão. Pouco tempo

depois, quando eu já me encontrava no tédio diário do ônibus ouvindo o disco de capa provocativa, o motorista freou bruscamente no trânsito. E de novo, de novo, o tempo todo no caminho para o serviço. Senti ódio dele também, mas foi breve.

Passei o dia todo com a minha cabeça vazia, mas chacoalhando ódio de um lado para o outro. Ela doía, mas o estômago, mais oco que a cabeça, começava a gritar o nome da fome - justamente quando as horas resolveram não passar e fazer uma paralisação, assim como a minha universidade com os cortes em educação do atual governo. Enfim, almocei e optei por me alimentar de salada com molho pesto - que, por sinal, estava com sal para três dias. Dizem por aí que nós somos o que comemos: faz sentido. A vida percorre com excesso de sal. Tipo um bife cru temperado com sal, eliminando seus líquidos por osmose.

Fiquei morrendo de sede por todo o dia e, quando chegou a hora de voltar para casa, resolvi ir caminhando, comprei uma lata de Guarapan geladinho e dei umas boas goladas. Próximo à minha rua, avistei um homem negro de bermuda e chinelo aparentemente vindo em minha direção. Meio que disfarcei e escondi a latinha do lado oposto antes que ele me pedisse uns goles. O cara passou direto e entrou em um prédio perto do meu.

Hoje eu vou dormir com ódio. Descobri que sou racista.

Parte 02 - Influências e Tentativas

2.1 - The Shape of Punk to Come - O movimento do Punk Rock como conceito e imagem

Como frequentador assíduo da cena musical e cultural do Punk Rock¹ e Hard Core, fui muito impactado pela colagem analógica, visto que ela estava sempre presente em cartazes de shows, capas de discos, roupas e diversos outros materiais de divulgação de conjuntos musicais que essas vertentes do rock produziam. Eu tinha muito interesse neste método de criação de materiais de divulgação por que os considero muito democráticos e acessíveis, quando levamos em consideração o custo e habilidade técnica. Isso, para mim, estava alinhado às ideias políticas e revolucionárias das bandas mais influentes daqueles gêneros - mas, sobretudo, à filosofia do “*Do It Yourself*” ou, simplesmente, “D.I.Y.” (Faça você mesmo), que surgiu no período pós-guerra dos anos 50 e se tornou muito popular nas décadas seguintes na cultura musical, sobretudo no Punk Rock. Pode-se dizer que este movimento serviu como um emblema na música e na estética por diversas razões, mas principalmente por afrontar os métodos de produção em massa impostos pelo capitalismo.

Neste sentido, o processo de realização do punk está disponível para todos, podendo qualquer um fazer as letras, os instrumentos, as gravações, os concertos, a distribuição, as roupas, as capas de discos, as cassetes, os fanzines. O punk é D.I.Y. (MCKAY, 1998, GUERRA e STRAW, 2017, p.11).

Quando tratamos desse conceito aplicado à imagem, podemos descrever que ela se caracteriza por usar técnicas consideradas primitivas e acessíveis, abordando temas da cultura pop com críticas sociais e empregando símbolos, fotografias de personalidades e outras figuras. Dentro deste contexto, é possível citar Vivienne

¹ (...) o punk avoca-se como uma movimentação contestatória nas dimensões artística, econômica e social tornada visível no final dos anos 1970 na Inglaterra. Constituiu-se como uma resposta ao movimento hippie, declarando que este havia fracassado nas suas promessas em termos de metamorfose dos quotidianos juvenis. O dileitamento musical, a vivacidade e a agitação foram (e são) as divisas do movimento. Na sua vertente musical, o ideário punk rejeitou a música reinante nos anos 1970, a indústria da música e os seus procedimentos, as modalidades de divulgação tradicionais, as sonoridades progressivas e a estética padronizada reinante (Guerra 2013, 2014 GUERRA e STRAW, 2017, p.5).

Westwood, estilista britânica e responsável pela propagação da moda Punk e New Wave², Malcolm McLaren, empresário, estilista e um dos responsáveis por promover as bandas New York Dolls³ e Sex Pistols⁴, e Jamie Reid, artista conhecido por criar as principais capas dos Sex Pistols, como representantes artísticos do movimento.

Figura 01 - God Save the Queen, Jamie Reid



Fonte: The Guardian (1977)

Figura 02 - Malcolm McLaren & Vivienne Westwood



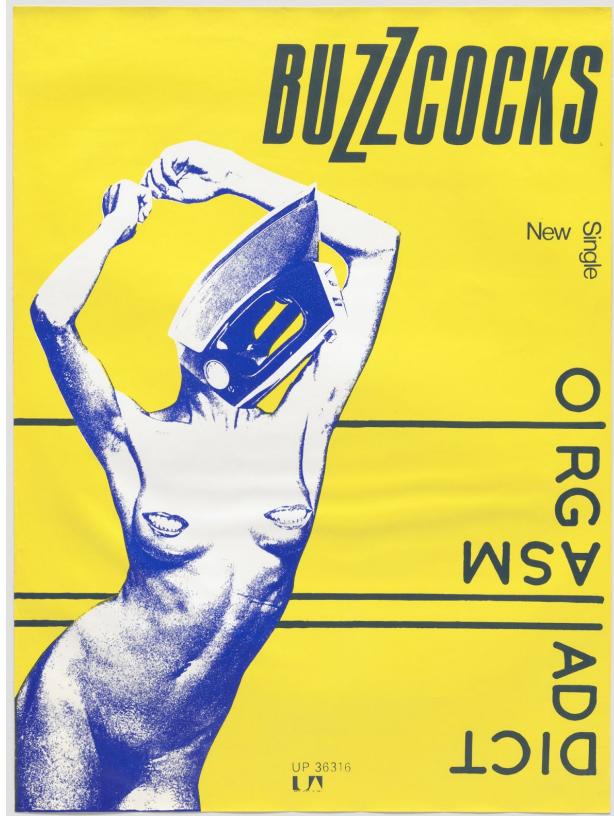
Fonte: Another Magazine (1976)

² New Wave é um gênero musical do rock surgido no final da década de 1970 ao lado do punk rock. O termo new wave engloba vários estilos musicais orientados ao rock e ao pop. Era considerado sinônimo do punk rock antes de se tornar um estilo musical independente e popular durante toda a década de 1980, com uma estética futurista que incorporava elementos de eletrônica, disco e pop.

³ New York Dolls foi uma banda de rock norte-americana, formada em 1971 na cidade de Nova York.

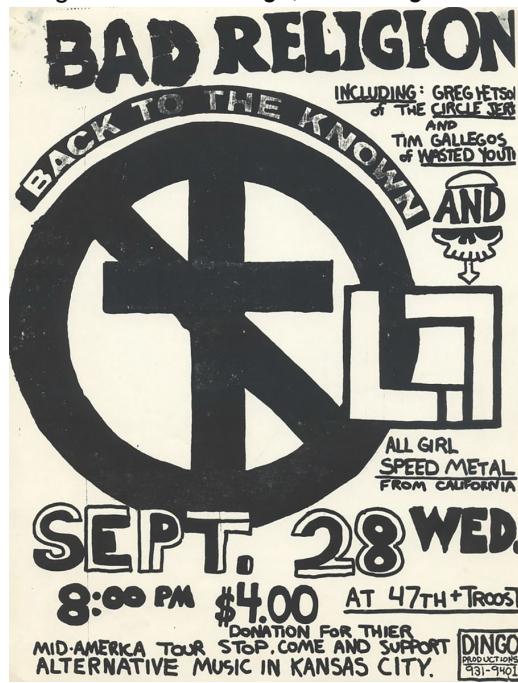
⁴ Sex Pistols foi uma banda inglesa de punk rock formada em Londres em 1975, considerada responsável por ter começado o movimento punk no Reino Unido e ter influenciado muitos músicos de punk rock e rock alternativo.

Figura 03 - Malcolm Garrett, Buzzcocks, Orgasm Addict



Fonte: moma.org (1977)

Figura 04 - Bent Edge, Bad Religion L7



Fonte: bentedgekcpunk.com (1983)

Figura 05 - *The Ramones Concert Flyer*



Fonte: icollector.com (1995)

Mesmo influenciado pela colagem análogica deste movimento mencionado anteriormente, confesso que nunca fui um especialista de fato. Porém, mesmo assim, a colagem como forma de manipulação digital surgiu durante meu curso de graduação em Artes Visuais, mais precisamente quando senti uma necessidade de criar um diálogo entre o ficcional e o real como mote do meu trabalho artístico. Minha intenção, inicialmente, era tentar dialogar sobre os problemas reais e atuais da sociedade de forma mais lúdica, criando um paradoxo entre o que era realidade e o que era ficção. Com isso em mente, a colagem digital veio como uma manifestação muito natural e estratégica da minha arte, possivelmente por consequência da habilidade que adquiri trabalhando como designer gráfico nos últimos dez anos - como por exemplo, conhecimento avançado em softwares gráficos como Photoshop ou Illustrator, além de experiência em recursos técnicos de composição, hierarquia da informação e artifícios de comunicação -, o que me proporcionou uma maior facilidade para que eu atingisse, o máximo possível, minha intenção inicial.

Figura 06 - Lucas Marques



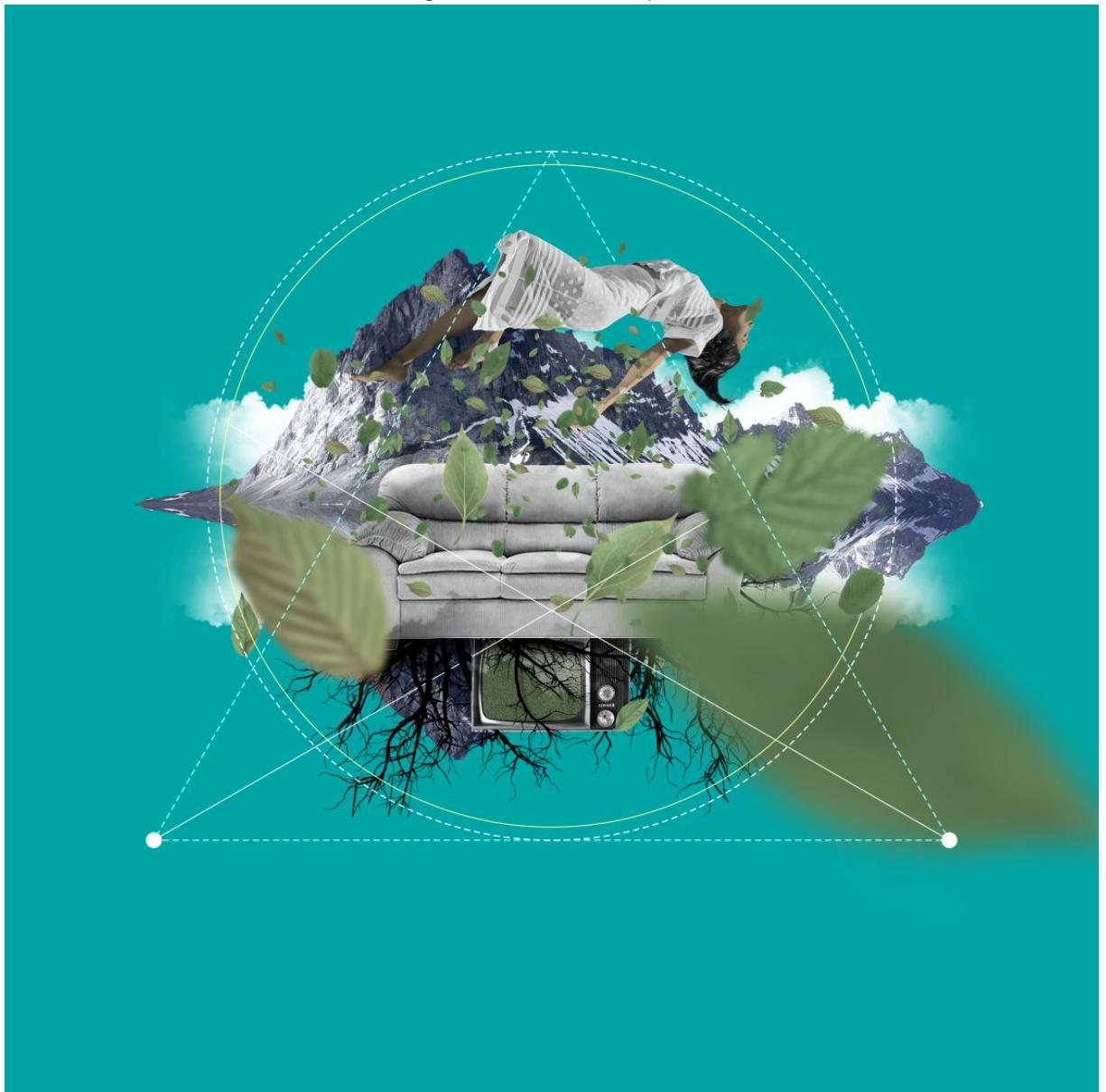
Fonte: Acervo próprio (2015)

Figura 07 - Lucas Marques



Fonte: Acervo próprio (2015)

Figura 08 - Lucas Marques



Fonte: Acervo próprio (2016)

Figura 09 - Lucas Marques



Fonte: Acervo próprio (2016)

Figura 10 - Lucas Marques



Fonte: Acervo próprio (2016)

Em um primeiro momento, pode-se dizer que eu trabalhava de forma despretensiosa ao tentar definir o que cada peça iria comunicar. Minha preocupação era apenas entregar-me à tentativa de buscar uma direção própria para um universo que eu pudesse considerar o meu próprio - e, que neste universo, eu fosse capaz de comunicar o diálogo ficcional e real que eu desejava. Havia, também, interesse técnico na simetria como forma de composição e estudo de paleta de cores, além da presença constante de temas como astronomia e um confronto entre rural e urbano em minhas criações. No momento seguinte, preferi focar em desenvolver trabalhos em série que abordassem temas mais alinhados à presente realidade, tais como a guerra, paz, mídia, questões sociais e problemas existenciais - porém, ainda com o interesse em fazer um contraponto com elementos de natureza rural. Para isso, trabalhei de forma mais perceptível com os recursos herdados do design gráfico, como por exemplo o uso do *grid* como estratégia para obter uma composição mais bem distribuída por meio da simetria e do espelhamento. Tive, também, uma preocupação em criar imagens que representassem situações em que a profundidade estivesse mais evidente.

2.2 - *Jedes Herz ist eine Revolutionäre Zelle* - Quando a política se intrometeu no meu trabalho artístico

Considero que esta seja uma versão mais elaborada do meu segundo momento de produção artística. Mesmo antes, eu já sentia uma necessidade de encontrar uma linha poética que definisse o meu trabalho e, por ter sido muito influenciado pelo *Rock'n'Roll* (sobretudo pelo *Punk Rock* e *Hard Core*, e principalmente por vertentes que confrontavam religião, política, consumismo e os modos de vida tradicionais), sinto que me aprofundei mais nesta direção. O meu objetivo foi ser simples, direto e agressivo, de forma que eu conseguisse retratar o momento político brasileiro e que isso fosse compreendido facilmente pelas pessoas, pois sempre me incomodou muito a arte se encontrar tão distante da sociedade e não ser muito convidativa. Com isso, eu desenvolvi uma sequência de imagens nomeada de “*CRISE*”, novamente utilizando as técnicas do design gráfico mencionadas anteriormente.

Figura 11 - CRISE, Lucas Marques



Fonte: Acervo próprio (2017)

Figura 12 - CRISE, Lucas Marques



Fonte: Acervo próprio (2017)

Figura 13 - CRISE, Lucas Marques



Fonte: Acervo próprio (2017)

Parte 03 - *The future is now* - A Distopia como ferramenta de análise da sociedade

Cresci cercado de referências de ficção científica, como o Cyberpunk, no cinema, literatura, música e na cultura de uma forma geral. Mesmo sem uma postura muito crítica ou compreensiva, aquilo tudo me envolvia muito: o cenário sombrio e caótico exibindo um consumismo exagerado, Los Angeles coberta de poluição, luta por sobrevivência, extinção de algumas espécies e toda aquela profusão de inteligência artificial presente em *Blade Runner* de Ridley Scott, ou então a vida dupla de realidade *versus* ficção vivenciada por Neo em *Matrix*, ou as letras agressivas carregadas de ódio ancoradas ao punk e as melodias industriais do Dope Stars Inc. presentes no álbum *Neuromancer*, além de muitas outras referências. Mas eu consumia todo aquele material achando essa representação um enorme exagero, a ponto de acreditar piamente que a nossa realidade no futuro sequer se aproximava daquilo.

A sociedade sempre se deparou com diversos gêneros que tinham como objetivo refletir e teorizar sobre as estruturas sociais e as diferentes formas de organização. Na literatura, no cinema, na música e na cultura pop como um todo, frequentemente esse objetivo é utilizado como uma forma de abordar narrativas. No campo das artes e da filosofia não é diferente: a inquietação com essa realidade social desorganizada em que vivemos sempre motivou pensadores e artistas a buscarem distintos gêneros para utilizarem em seus trabalhos, provavelmente como alternativa para apontar críticas e buscar possibilidades de reestruturar profundamente as relações de indivíduo e sociedade. Podemos ver, então, que a distopia funciona muito mais do que um recurso visual, podendo também atuar como uma tentativa de alerta sobre as possibilidades do cenário do futuro - distante ou nem tanto - que nos aguarda, como podemos ver na análise de Leomir Cardoso Hilário:

O romance distópico pode então ser compreendido enquanto aviso de incêndio, o qual, como todo recurso de emergência, busca chamar a atenção para que o acontecimento perigoso seja controlado, e seus efeitos, embora já em curso, sejam inibidos. (HILÁRIO, Anu. Lit., Florianópolis, v.18, n. 2, p. 202, 2013).

O meu interesse por esse gênero da ficção científica sempre esteve presente na minha vida, muito antes de eu me envolver com arte e ainda mais na tentativa de me tornar um artista. Acredito que tudo tenha começado pela curiosidade sobre paradoxos de tempo que foi despertada em mim a partir de alguns livros e filmes que insistiam em abordar o tema. A trilogia “De Volta Para o Futuro” (1985, 1989 e 1990) de Robert Zemeckis tem grande possibilidade de ter sido uma das minhas primeiras referências que abordam esta questão do espaço-tempo. Sempre me interessou saber a respeito do futuro: como ele se comportaria ou o que eu deveria fazer no presente para que eu pudesse alterar a forma como ele seria para as pessoas. Talvez eu pensasse nisso buscando uma maneira de tentar fazer com que as circunstâncias fossem mais justas e organizadas para a sociedade, uma forma de evitar a desigualdade e injustiça que eu vivia na época. Posteriormente, passei a ter um encanto por referências mais complexas que abordavam a distopia de forma mais evidente, e posso citar como exemplo o filme Matrix (1999) de Lilly e Lana Wachowski. Esta problemática de encarar a vida como uma Realidade Simulada⁵ me instigou a questionar se o que estamos vivendo é de fato uma realidade ou existe algo que nos controla o tempo todo de alguma maneira. O filme aborda essa possibilidade de forma mais exagerada (talvez pela necessidade), mas percebo que isso também acontece nos dias de hoje, principalmente com a evolução da internet e da inteligência artificial - das quais estamos sempre dependentes, conectados e induzidos a consumir algo ou executar alguma atividade que nos foi ofertada. Outra referência crucial que tive foi o livro Neuromancer (1984) de William Gibson. Este, por sua vez, pode ser incluído de forma mais honesta no sub-gênero da distopia conhecido como Cyberpunk⁶. No livro, Gibson nos apresenta um mundo profundamente modificado pelo avanço tecnológico e científico, com substancial

⁵ Realidade simulada é a proposição de que a realidade poderia ser simulada – talvez por modelagem computacional – a uma qualidade indistinguível da realidade “verdadeira”. Ela poderia conter mentes conscientes que poderiam ou não saber que estão vivendo dentro de uma simulação. Na sua forma mais intensa, a “hipótese da simulação” (simulation hypothesis) ou "simulismo" (simulism) alega que é provável que estejamos vivendo tal simulação.

⁶ O termo cyberpunk aparece para designar um movimento literário no gênero da ficção científica, nos Estados Unidos, unindo altas tecnologias e caos urbano, sendo considerado como uma narrativa tipicamente pós-moderna.

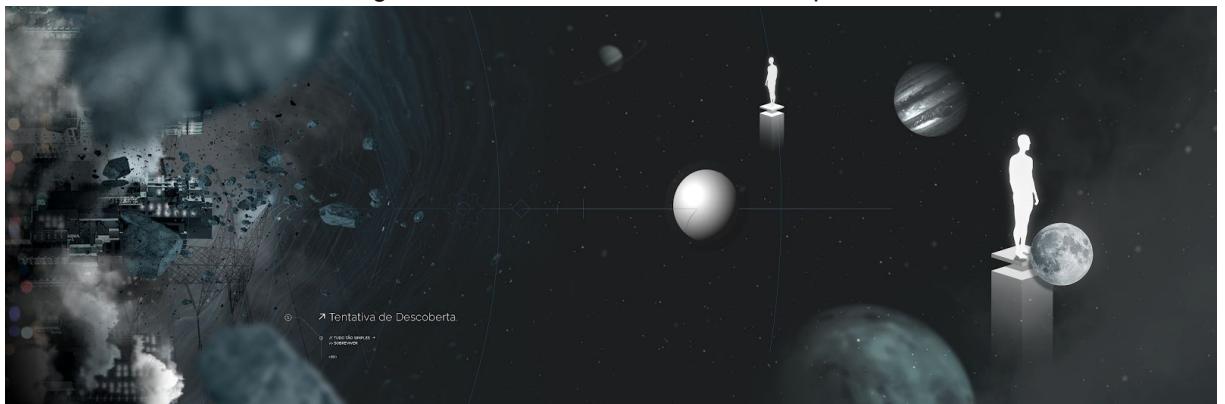
modificação do ser humano por procedimentos médicos demasiadamente futurísticos, como podemos perceber brevemente na passagem:

Quem estava cuidando do bar era o Ratz, que enchia uma bandeja de copos com cerveja Kirin draft, com uma prótese de braço que se movia aos trancos. Ele viu Case e deu um sorriso; seus dentes eram uma teia composta de aço do leste europeu e decomposição marrom. Case achou um lugar no bar, entre o bronzeado improvável de uma das putas do Lonny Zone e o uniforme naval perfeitamente engomado de um africano alto com as faces vincadas com fileiras precisas de cicatrizes tribais. (GIBSON, 2008, p. 15-16)

Esta questão toda para mim ainda é bem confusa, talvez somente um estudo complexo e profundo para trazer mais compreensão. Mas sei que ter controle sobre a vida não é das tarefas mais fáceis, o que volta e meia me faz pensar: nas nossas vidas, estaria a tecnologia participando ou interferindo?

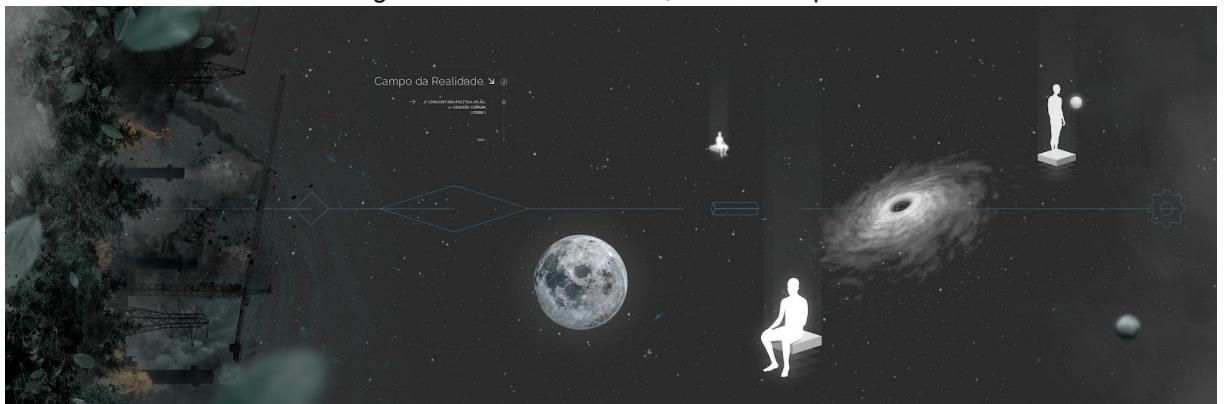
Mesmo frequentemente flirtando com questões que envolvem a ficção científica, eu nunca as havia trazido para o meu trabalho. Porém, houve um momento - que eu considero o meu terceiro e que define o meu ofício nos dias de hoje - no qual eu me senti à vontade e bem familiarizado para começar a inseri-los em minhas produções. Esta ideia surgiu, principalmente, devido ao momento político surreal em que estamos vivendo. Comecei a perceber que todo aquele caos social abordado nas minhas principais influências estavam fazendo muito sentido para os dias de hoje. O futuro chega rápido e o modo de vida das pessoas muda de forma leviana a cada ano que passa. Isso possui um reflexo tanto positivo quanto negativo na sociedade e minha tentativa neste terceiro momento foi de colocar frente a frente a dualidade existente entre caos e o isolamento, mas também debater sobre diversas formas de poluição, depressão, ansiedade, tecnologia avançada, agressividade, astronomia, o desconhecido, o anonimato e outras questões que envolvem o cenário distópico das principais referências que fui bombardeado em toda a minha vida. O resultado foi uma série de colagem digital a qual nomeei de “PARASOMNIA”. O termo em questão é um distúrbio do sono o qual fui obrigado a conviver grande parte da minha infância e adolescência, principalmente em momento nos quais eu estava com a saúde debilitada. Uma das consequências que tenho até os dias de hoje são flashes confusos e que não comprehendo se o que aconteceu foi de verdade ou um sonho, como minha arte.

Figura 14 - PARASOMNIA, Lucas Marques



Fonte: Acervo próprio (2018)

Figura 15 - PARASOMNIA, Lucas Marques



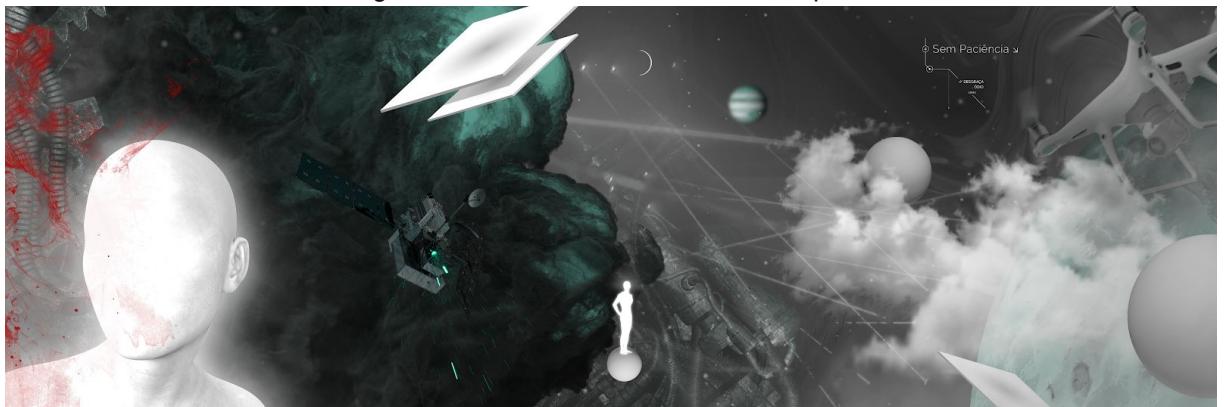
Fonte: Acervo próprio (2018)

Figura 16 - PARASOMNIA, Lucas Marques



Fonte: Acervo próprio (2018)

Figura 17 - PARASOMNIA, Lucas Marques



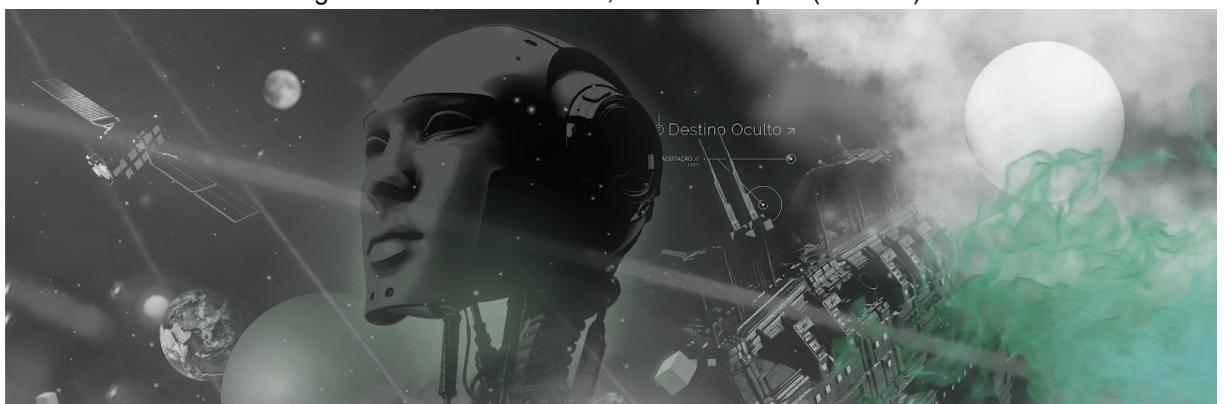
Fonte: Acervo próprio (2018)

Figura 18 - PARASOMNIA, Lucas Marques



Fonte: Acervo próprio (2018)

Figura 19 - PARASOMNIA, Lucas Marques (Detalhe)



Fonte: Acervo próprio (2018)

Conclusão

Este é o meu quarto momento. Àquele no qual devo navegar pelas entranhas do meu universo e estabelecer uma conexão entre tudo o que tentei dizer, seja por texto ou imagem, porém, já assumo de antemão que tudo, para mim, é figura. Colocar tudo no papel e viajar para olhar de longe por alguns segundos, me fez perceber que as minhas palavras não passam de colagens e que esta combinação as transformam em crônicas, narrativas ou simplesmente reflexões livres tomando a forma que bem entendem.

Perceber que todas as memórias, o dia em que pisei em uma sala de aula, o primeiro e o último amor, um soco na cara, o primeiro show de *Punk Rock*, o disco preferido do *The Who*, o dia em que assisti *Goonies* pela primeira vez, o primeiro plágio, a última descoberta, o alimento que minha mãe fazia na cozinha lá de casa, o dia em que meu pai me deu a minha primeira bicicleta, o gosto do café da roça, o primeiro abuso que sofri, a camisa de banda preferida que usei até se desfazer, o dia que descobri que ver dois homens se beijando não me dava nojo, que a igreja está em todos os lugares, que a lama e a glória são a mesma aposta e que os homens e os deuses são a mesma bosta. Tudo está aí na memória e é impossível para mim não ser usado. Tudo faz diferença no mundo, seja esse no qual escrevo com liberdade, seja ele aquele das artes onde quase ninguém é bem vindo.

Sentar em uma cadeira de bar para aproximar do mundo e poder observá-lo de longe, me fez perceber que a distopia compartilha, nesse exato momento, do mesmo solo que o nosso. Lembrar dos filmes e livros e fazer um paralelo com esse mundo injusto e caótico em que vivemos e perceber que pode ser que isso faça sentido. Compreender mais sobre ficção e entender que todas as minhas mentiras foram uma válvula de escape desse mundo que é interessante para tão poucos.

Foi necessário uma viagem física e espiritual para eu perceber que desde a primeira colagem que vi em um poste anunciando um show *punk* que estava para acontecer, até o dia em que tenho o privilégio do conhecimento de conseguir fazer do meu jeito, que tudo é válido e pode ser honesto.

Foi esta a forma que encontrei de fazer arte. Um conhecimento talvez acima da média em trabalhar com softwares gráficos, uma habilidade questionável com o

desenho. Mesmo que eu tenha interesse na complexidade da física e das questões existenciais, tenho ainda mais interesse pela simplicidade que um dia percebi visitando as salas do *Rock'n'Roll High School* dos mestres *Ramones*.

Referências Bibliográficas

PAVLOSKI, Evanir. **1984 - A Distopia do Indivíduo sob Controle**. Paraná: Curitiba, UFP, 2005.

ASSIS, Emanoel Cesar Pires de. **Ciberespaço e Pós-Modernidade em Neuromancer de William Gibson**. Bahia: Salvador, UFBa, 2010

LEMOS, André. **Ficção Científica Cyberpunk: O Imaginário da Cibercultura**. Rio Grande do Sul: Caxias do Sul, USC, 2005.

GERRA, Paula; STRAW Will. **I wanna be your punk: universo de possíveis do punk, do DIY e das culturas underground**. Universidade do Porto, Portugal; McGill University, Montreal, Canadá. Cadernos de Arte e Antropologia, Vol. 5, n° 1/2017, p. 5-1.

GIBSON, William. **Neuromancer**. 5ª Edição. Editora Aleph, 2003.

GALLO, Ivone. **Por Uma Historiografia do Punk**. 2010. <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/6542/4741> - Acesso em: 18 de Novembro de 2019.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. **Teoria Crítica e Literatura: A Distopia como Ferramenta de Análise Radical da Modernidade**. Florianópolis: Santa Catarina, UFSC, 2013.